



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação e Decolonialidade

DECOLONIZANDO O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: Reflexões Para Uma Abordagem Transformadora

Elisângela Campos de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise crítica do ensino de língua inglesa na educação básica pública do Brasil, sob a ótica da decolonialidade. Ele investiga os fundamentos teóricos desse conceito, ressaltando sua importância na desconstrução das estruturas eurocêntricas no ambiente educacional. A metodologia empregada compreende uma revisão bibliográfica, e as conclusões destacam a necessidade de decolonizar o ensino, reconhecendo a rica diversidade cultural e linguística brasileira. Além disso, são propostas ações concretas para transformar as práticas pedagógicas, visando contribuir para uma educação mais equitativa e consciente. O objetivo principal do artigo é fomentar o diálogo, especialmente entre os professores de língua inglesa, com o intuito de promover uma abordagem transformadora do ensino, alinhada aos princípios da decolonialidade e adaptada à realidade das salas de aula brasileiras.

Palavras-Chave: Ensino de Língua Inglesa; Decolonialidade; Desconstrução eurocêntrica.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre práticas pedagógicas referentes ao ensino de língua inglesa (LI) destacam a necessidade de repensar abordagens tradicionais e eurocêntricas. O inglês é uma língua global que tem sido usada como instrumento de comunicação, cultura, ciência, tecnologia e poder em diversos contextos. No entanto, o ensino de inglês também carrega consigo marcas da colonialidade, que é a continuação das relações de dominação e exploração estabelecidas pelo colonialismo europeu e se manifesta na imposição de uma língua, de uma cultura, de uma epistemologia e de uma identidade sobre as outras, negando ou silenciando as diferenças e as resistências (Quijano, 2005, 2009; Walsh, 2018).

O ensino de inglês no Brasil tem sido muitas vezes influenciado por uma visão eurocêntrica, monocultural e monolíngue da língua e da aprendizagem, que privilegia os padrões normativos e as variedades hegemônicas do inglês, ignorando as diversidades

¹Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUI, mestra em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, professora de língua inglesa e língua portuguesa na rede pública municipal de Balsas, Maranhão.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



linguísticas e culturais dos falantes e dos contextos de uso (Diniz de Figueiredo; Martinez, 2019).

Diante disso, surge a necessidade de se pensar o ensino de inglês de forma crítica e decolonial, que questione os discursos e as práticas que reproduzem a colonialidade e que busque valorizar as vozes, as experiências e as epistemologias dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Através da perspectiva decolonial, é possível promover uma educação mais inclusiva e diversa, que valorize as diferentes línguas e culturas presentes no Brasil, o que pode levar a uma transformação significativa no ensino de língua inglesa nos diferentes contextos das salas de aula brasileiras.

Este artigo propõe, portanto, uma reflexão sobre o ensino de língua inglesa na educação básica pública do Brasil, ancorando-se no viés da decolonidade. Nosso objetivo é contribuir para uma reflexão sobre como as práticas educacionais podem ser reconfiguradas para incorporar perspectivas que transcendam os limites coloniais, valorizando a diversidade cultural e linguística brasileira. Em um país como o Brasil, marcado por uma história de colonização e assimilação cultural, é de suma importância considerar como a língua inglesa pode ser ensinada de maneira mais inclusiva, respeitando as identidades locais e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

A justificativa para este estudo surge da compreensão de que as abordagens convencionais no ensino de língua inglesa muitas vezes negligenciam as experiências culturais e linguísticas dos estudantes brasileiros, contribuindo para a perpetuação de uma visão única e hegemônica do mundo. Nesse sentido, a decolonialidade oferece uma lente crítica para analisar as desigualdades presentes no processo educacional e propõe uma reconstrução de saberes, incluindo vozes e perspectivas que foram marginalizadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, embasada em métodos de análise crítica e interpretativa, visando aprofundar a compreensão do ensino de língua inglesa na educação básica pública brasileira sob a perspectiva decolonial.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Visando discutir algumas possibilidades e desafios para o ensino de língua inglesa a partir de uma perspectiva decolonial, inicialmente, apresentamos alguns conceitos que fundamentam a decolonialidade, destacando sua contribuição para o ensino de língua inglesa. Em seguida, apresentamos alguns exemplos de práticas pedagógicas que incorporam a decolonialidade no ensino de língua inglesa, mostrando como elas podem promover uma educação crítica e emancipatória.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Decolonialidade e o Ensino de Língua Inglesa

A colonialidade refere-se à persistência das relações de poder e dominação que foram estabelecidas durante o período colonial, mesmo após a independência política das nações colonizadas. Essas relações de poder continuam a moldar as estruturas sociais, econômicas e culturais, mantendo a subordinação de certos grupos em relação a outros. A colonialidade do poder está intrinsecamente ligada à ideia de raça e à hierarquização das populações com base nessa categoria, perpetuando assim a dominação e a exploração (Quijano, 2005, 2009).

De acordo com Pardo

mesmo após a independência do Brasil, a presença colonial se mantém de uma forma ou de outra, seja pela dependência econômica de nações mais “desenvolvidas”, seja pela importação de padrões socioculturais considerados de maior prestígio, num primeiro momento, o europeu, e mais recentemente, o estadunidense (Pardo, 2019, p. 203).

Nesse contexto, a decolonialidade emerge como uma resposta intelectual à herança do colonialismo e imperialismo na América Latina, destacando a necessidade de desconstruir epistemologias eurocêntricas que marginalizam os saberes locais. Segundo Mignolo (2011, p. 2), "a colonialidade é a face oculta da modernidade e do capitalismo global", e práticas decoloniais buscam, portanto, desafiar a colonialidade e promover a diversidade linguística e cultural. No contexto educacional, essa perspectiva desafia o ensino monolítico de línguas estrangeiras, como o inglês, que historicamente reproduziu padrões culturais e linguísticos dominantes.

O ensino de língua inglesa é uma prática educativa que envolve questões políticas, culturais, sociais e epistemológicas. Além de ser um instrumento de comunicação global, a LI



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



é também um veículo de transmissão de conhecimentos e valores e um símbolo de poder e dominação e é por isso que o ensino desse idioma não pode ser neutro ou descontextualizado, mas deve levar em conta as relações históricas e atuais entre os povos que falam ou aprendem essa língua.

É nesse sentido que as abordagens acerca da decolonialidade podem ser inseridas nos contextos de ensino de LI. A decolonialidade é um projeto político, ético e epistêmico que busca questionar e transformar as estruturas de poder, saber e ser que foram impostas pelo colonialismo moderno e que se mantêm na colonialidade (Quijano, 2005). A colonialidade é o padrão de poder que emergiu com a expansão europeia a partir do século XV e que se baseia na classificação racial e hierárquica dos seres humanos, na exploração do trabalho e dos recursos naturais, na imposição de uma visão de mundo eurocêntrica e na negação das diferenças e das epistemologias dos povos colonizados (Quijano, 2005, 2009; Mignolo, 2003).

Conforme explica Oliveira (2016),

Decolonizar, significaria então, no campo da educação, uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto não somente denunciativa – por isso o termo “DE” e não “DES” – onde o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas e culturais e de pensamento. Em outros termos, a construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, uma pedagogia concebida como política cultural, envolvendo não apenas os espaços educativos formais, mas também as organizações dos movimentos sociais. DEcolonizar na educação é construir outras pedagogias além da hegemônica. DEScolonizar é apenas denunciar as amarras coloniais e não constituir outras formas de pensar e produzir conhecimento (Oliveira, 2016, p. 39).

A decolonialidade propõe uma ruptura com a lógica colonial e uma abertura para outras formas de pensar, sentir e agir no mundo. Busca recuperar as vozes, as memórias, as identidades e as resistências dos sujeitos subalternizados pelo colonialismo, valorizando suas culturas, seus saberes, seus modos de vida e suas lutas por dignidade e justiça e construir uma interculturalidade crítica e dialógica, que reconheça e respeite a diversidade e a pluralidade epistêmica, e que promova a solidariedade e a cooperação entre os povos (Walsh, 2009).

Segundo Pennycook

... existem vínculos profundos e indissolúveis entre as práticas, teorias e contextos do ensino de língua inglesa e a história do colonialismo. Tais conexões são muito mais profundas do que estabelecer paralelos entre a atual expansão global do inglês



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



e a expansão colonial que a precedeu. (...) as teorias e práticas do ensino de língua inglesa que emanam das antigas potências coloniais ainda carregam os vestígios dessas histórias coloniais, tanto por causa da longa história de conexões diretas entre o ensino de língua inglesa e o colonialismo, quanto porque tais teorias e práticas derivam de culturas e ideologias europeias mais amplas que, por sua vez, são produtos do colonialismo. De certa forma, então, o ensino de língua inglesa é um produto do colonialismo não apenas porque foi o colonialismo que produziu as condições iniciais para a disseminação global do inglês, mas também porque foi o colonialismo que produziu muitos dos modos de pensar e comportar-se que ainda fazem parte das culturas ocidentais (Pennycook, 2002, p. 19. Tradução nossa.)

No campo do ensino de língua inglesa, a decolonialidade implica, portanto, em uma reflexão sobre o papel dessa língua na reprodução ou na transformação das relações coloniais. Isso significa uma revisão dos conteúdos, dos métodos, dos materiais e das avaliações que são utilizados nesse ensino, buscando desnaturalizar e problematizar as ideologias, as representações e as práticas que sustentam a colonialidade. Implica, ainda, em uma valorização das experiências, dos interesses, das necessidades e das expectativas dos estudantes que aprendem língua inglesa, reconhecendo suas identidades, suas histórias e seus projetos (Pennycook, 2002).

Um dos grupos mais influentes na formulação e na difusão da decolonialidade é o coletivo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado por intelectuais de diferentes países e disciplinas, como Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Dignolo, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel, Arturo Escobar, Catherine Walsh, entre outros. Esse grupo se propõe a fazer uma crítica radical à modernidade, entendida como um projeto civilizatório que se impôs globalmente a partir da expansão colonial europeia e que se baseia em uma concepção linear, evolutiva e universalista da história, da ciência, da cultura e da sociedade. Para o grupo M/C, a modernidade não pode ser separada da colonialidade, pois ambas são faces da mesma moeda. A colonialidade é a dimensão oculta e negada da modernidade, que sustenta e legitima o seu discurso hegemônico e excludente (Lander, 2005).

De acordo com Quijano (2005, p. 4),

o fenômeno do poder é caracterizado como um tipo de relação social constituído pela co-presença permanente de três elementos – dominação, exploração e conflito – que afeta as quatro áreas básicas da existência social e que é resultado e expressão da disputa pelo controle delas: 1) o trabalho, seus recursos e seus produtos; 2) o sexo, seus recursos e seus produtos; 3) a autoridade coletiva (ou pública), seus recursos e seus produtos; 4) a subjetividade/ intersubjetividade, seus recursos e seus produtos.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



O grupo M/C identifica quatro esferas principais onde a colonialidade se manifesta: o poder, o saber, o ser e o viver. A colonialidade do poder se refere ao controle e à exploração dos recursos naturais e humanos dos povos colonizados, bem como à imposição de um sistema de classificação racial que hierarquiza e inferioriza os não-europeus. A colonialidade do saber se refere à imposição de um modelo de conhecimento científico e racional que desqualifica e silencia os saberes e as epistemologias dos povos colonizados. A colonialidade do ser se refere à imposição de uma identidade e de uma subjetividade que nega e oprime as diferenças e as singularidades dos povos colonizados. A colonialidade do viver se refere à imposição de um modo de vida capitalista e consumista que destrói e inviabiliza as formas de vida comunitárias e solidárias dos povos colonizados (Mignolo, 2003).

A compreensão profunda dos fundamentos teóricos da decolonialidade é essencial para a formulação de estratégias pedagógicas que transcendam paradigmas coloniais no ensino de língua inglesa. De acordo com Tuck e Yang (2012, p. 3), a decolonialidade não é apenas uma teoria, mas também uma prática, e envolve “desmantelar a colonialidade do poder, do ser e do saber”. Isso significa desafiar as estruturas coloniais que ainda estão presentes na sociedade e na educação, incluindo a ideia de que o conhecimento ocidental é superior a outros conhecimentos.

Neste contexto, a aplicação da decolonialidade no ensino de língua inglesa implica uma ruptura com modelos tradicionais que favorecem a cultura anglofônica em detrimento das identidades locais. Destaca-se a importância de incorporar narrativas e literaturas diversas, reconhecendo a pluralidade de experiências culturais presentes no Brasil.

Para aplicar a perspectiva decolonial no ensino de língua inglesa, é importante considerar a diversidade linguística e cultural dos alunos e promover a conscientização sobre a história colonial e suas consequências. "A pedagogia decolonial deve ser uma pedagogia crítica que desafia a hegemonia do inglês e promove a diversidade linguística e cultural" Canagarajah (1999, p. 329).

Como exemplos de práticas pedagógicas que incorporam a decolonialidade ao ensino de língua inglesa podemos incluir: i) atividades para desmistificar o falante nativo de língua inglesa, reconhecendo a diversidade das vozes e sotaques globais e questionando a ideia de que o falante nativo e ideal é sempre o branco e heterossexual dos países desenvolvidos. ii)



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



atividades para ampliar a representatividade através de atividades que promoveram reflexões sobre identidades raciais, estereótipos, racismo epistêmico e privilégio da branquitude. iii) atividades para incluir as experiências de sujeitos tidos como subalternos, como imigrantes, refugiados, comunidades marginalizadas, desconstruindo hierarquias e promovendo uma visão mais ampla e inclusiva da língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de inglês e decolonialidade é um tema complexo e desafiador, que requer uma reflexão contínua e uma ação transformadora por parte dos professores. Neste trabalho, apresentamos algumas perspectivas que podem contribuir para a reflexão sobre o ensino de língua inglesa e decolonialidade e para ações transformadoras das práticas, buscando contribuir para um ensino de inglês que seja mais justo, inclusivo e emancipatório, que respeite e valorize as diferenças e que promova o diálogo e a colaboração entre os sujeitos.

A decolonialidade contribui para os estudos referentes ao ensino de língua inglesa de diversas formas. Uma delas é a crítica ao conceito de falante nativo, que privilegia e idealiza os falantes de países centrais, como Inglaterra e Estados Unidos, em detrimento dos falantes de países periféricos ou de contextos multilíngues.

Sendo assim, ao explorarmos os fundamentos teóricos da decolonialidade, buscamos fundamentar e propor alternativas que desafiem estruturas educacionais tradicionais e eurocêntricas, desenvolvendo uma visão crítica que nos impulsiona a superar visões monoculturais e a repensar o papel da língua inglesa nas salas de aula de diferentes realidades brasileiras, através de abordagens mais inclusivas e sensíveis à diversidade.

Concluimos que a decolonização do ensino de língua inglesa não é apenas uma necessidade, mas uma urgência para o desenvolvimento de uma educação que respeite as histórias locais, desconstrua estereótipos e prepare os estudantes para a participação ativa em um mundo globalizado. Um ensino de língua inglesa que vá além de simples transmissão de conhecimento linguístico, promovendo, de fato, uma compreensão crítica e decolonial do mundo.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



REFERÊNCIAS

CANAGARAJAH, S. **Resisting linguistic imperialism in English teaching**. Oxford University Press, 1999.

DINIZ DE FIGUEIREDO, Eduardo Henrique; MARTINEZ, Juliana. The Locus of Enunciation as a Way to Confront Epistemological Racism and Decolonize Scholarly Knowledge. **Applied Linguistics**, v. Adv A, p. 1-6, 2019.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales = Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of Western modernity: Global futures, decolonial options**. Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Globais projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma educação decolonial. **Rev. Nuevamérica**, v. 149, p. 35-39, 2016.

PARDO, Fernando da Silva. Decolonialidade e ensino de línguas: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. Port. 200-221/ Eng. 198-218, 2019.

PENNYCOOK, Alastair. **English and the Discourses of Colonialism**. London: Taylor & Francis e-Library, 2002.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2009. p. 93-126.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: 2005. p. 227-277

TUCK, E.; YANG, K. W. . Decolonization is not a metaphor. **Decolonization: Indigeneity, Education & Society**, vol. 1, 2012, p. 1-40.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine (Orgs.). **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2018. p. 75-96.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re- existir e re -
viver. In CANDAU, V. M. **Educação intercultural na América Latina: Entre concepções,
tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009, p. 12 - 42.